

As mães deixam de saber quem são porque escolhem ser-nos. É uma afirmação peremptória antes de começarmos a crescer para onde nos perdem o rasto e já não se encontram. Algumas abençoam-nos por isso. As outras põem filhos e depois comem-nos às escondidas do coração.

As mães 2

COMPRIMIDO II



Rosa Alice Branco nasceu em Aveiro, em 1950. É poeta, ensaísta e tradutora. A sua actividade académica e de investigação centra-se na área da Filosofia e, muito em particular, da Estética e da Teoria da Percepção e do Design.

Como poeta publicou, nomeadamente, *Animaís da Terra* (1988), *Monadologia Breve* (1991), *Da Alma e dos Espíritos Animais* (2001), *Soletrar o Dia* (reunião de poemas, 2002), *O Mundo não Acaba no Frio dos teus Ossos* (2009), *Gado do Senhor* (2011), *Concerto ao Vivo* (2012) e *Traçar um Nome no Coração do Branco* (2018). Vários dos seus livros, em que se assinala uma muito pessoal convergência entre lirismo e reflexão, foram traduzidos em diferentes línguas, sendo o mais recente *Cattle of the Lord*, nos EUA, em 2016. Foi nomeada para o *Pushcart Prize*, nesse mesmo país.

As mães só falam uma língua e sabem o que cada palavra significa para não se perderem dos filhos. Desde que falam para dentro de nós as palavras que as amedrontam são as que vêm de fora. Apressam-se a expulsá-las e tentam esquecer que as dissemos. Quando os maridos lhes lançam a rede são as palavras que as enchem de desejo e gemem de medo

As mães 1

COMPRIMIDO I

Outubro 2018

Manter ao alcance e à vista das crianças e adultos



Este folheto contém informação importante para si. Leia-o atentamente.

COMPRIMIDO III

As mães 3

As mães são outra coisa
outra massa outra farinha
peneirada como quem semeia.
E de qualquer terra nasce o fruto
já maduro e elas teimam
que não está pronto para a colheita:
- não está e pronto

COMPRIMIDO V

As mães 5

Contava-lhe das histórias, das bonecas,
e o que eu queria dizer-lhe afastava-se
à medida que falava.

Era um adeus que dizia
nas mesmas palavras com
que a queria abraçar

COMPRIMIDO IV

As mães 4

As costas sentadas no sofá
dizem que a casa te tem presa
mas não te verga o pescoço
mesmo quando choras
os filhos por isto ou por aquilo.
Poder dar-te um beijo simples. Descer
por ti os olhos de filha amantíssima.

Ou ser outra e o coração deixar
de fazer perguntas de nós

COMPRIMIDO VI

As mães 6

Os olhos rasam as lágrimas
sempre que a deixo com esta falta
entre nós. Às vezes ainda vejo as dela
pelos descaminhos que inventámos
na extensão do amor. E custa desconhecer
se ao menos a mãe sabe isto no coração
dos ramos, se sabe que é a árvore
de todas as estações onde deço
para a encontrar

A MÃE ESCAVADA NOS DEDOS

Coração escavado na rocha
um buraco onde as crianças se agarram
enquanto alguém soletra o teu nome
na maré que sobe (ela escuta a avidez
das ondas) e vozes miúdas chamam pela mãe.
Depois é preciso esculpir uma rocha
em forma de coração,
de plástico, de cinza, de carvão,
porque a pedra dói nos dedos ao entardecer
quando se vão as últimas palavras
e não há ninguém para enganarmos,
para nos podermos enganar
quanto à matéria de que é feito o coração.
As rochas ao longe são todas iguais
e o meu corpo submerso
nunca sentiu o ofegar das pedras
quando o mar as deixa. Vê (o dedo cede,
é o magma, pensa ela) aqui é o lugar do coração.
Quanto custa trazeres-me à superfície?
Abrir os dedos e sentir pulsar neles
o nome da mãe que soletramos
sempre que nos chamamos um ao outro
quando a maré baixa revela o buraco
de que é feito o coração.

*Comprimidos Literários de Rosa Alice Branco *Ilustração de Rachel Caiano*

Títular da Autorização de Introdução no Mercado e Fabricante: www.correiodoportu.pt

Edição # 67, aprovada na cidade do Porto, Portugal, no dia 30 de setembro de 2018

Edição de Paulo Moreira Lopes